

Continuo estimulada a pensar sobre as ideias trazidas com muita competência, por Rosete, Didi e Conceição em nosso encontro sobre o livro “O choque das civilizações”. Entender o mundo com suas diferentes civilizações, na perspectiva do autor em 1996 até os dias de hoje, é algo muito complexo! Fiquei com vontade de continuar a conversa para entender melhor vários pontos!

Segundo Samuel Huntington as próximas guerras seriam entre civilizações, e, fatalmente oriente e ocidente iriam estar em lados opostos. Considera haver o perigo do enfraquecimento do ocidente frente a escalada do fundamentalismo islâmico. Defende então o fortalecimento da civilização ocidental como condição para vencer este embate.

São vários os aspectos que caracterizam uma civilização: A língua, o território, a religião, os costumes, a etnia, entre outros. Podemos dizer que existe um fator preponderante em relação aos outros? Ou a intensidade das forças entre eles dependeria das circunstâncias, da história, e da ameaça à sobrevivência cultural ou mesmo da ameaça à existência de seus cidadãos? Entendi que civilização como descrita por Samuel, se refere à identidade de um povo.

Esse entendimento me remete a uma questão cara à psicanálise sobre identidade x identificações. A ideia de uma identidade fixa para os sujeitos é simplista e empobrecedora; desconhece a complexidade da construção subjetiva de cada um de nós. Somos constituídos por múltiplas identificações. Existimos em várias dimensões: família, profissão, sexualidade, política, religião, nacionalidade, etnia, entre muitas outras. Somos múltiplos. Somos diversos.

Assim, acho que um fator que pode nos fortalecer, é justamente o reconhecimento dessa diversidade, o respeito às diferenças individuais, o enfrentamento da intolerância, dos preconceitos e discriminações, a defesa da liberdade e da democracia, incluindo a defesa da dignidade, e da justiça social. Tudo isso que é fácil de falar, mas tão difícil de alcançar e ao mesmo tempo impossível de desistir.

Nos regimes totalitários/fundamentalistas, essa diversidade não é reconhecida. Mas, acho importante não transformarmos os povos orientais em inimigos. Impossível desconhecer a riqueza das suas milenares civilizações. Esse ponto do livro me trouxe uma inquietação- Penso que essa teoria estimula um sentimento de ameaça – nós contra eles, que contribui para aumentar o preconceito e a destrutividade em um mundo já esfacelado por tantas guerras.